

O JECA TATU E O BRANQUEAMENTO DO BRASIL

Ricardo Augusto dos Santos

*(Pesquisador da Casa de Oswaldo Cruz –
Fiocruz; doutorando em História da
Universidade Federal Fluminense)*

Resumo: este texto analisa a construção do Jeca Tatu, tendo como cenário o pensamento social brasileiro. Uma análise das representações sociais e literárias sobre o país, destacando um aspecto ausente na literatura acadêmica: a investigação das condições históricas de produção do pensamento social e político. Portanto, sem articulação da identidade cultural com a criação dos tipos sociológicos, que em vários momentos, foram “retratos” desta identidade, como Macunaíma, Policarpo Quaresma e outros.

Consideramos que a contribuição deste trabalho consiste em investigar a participação dos membros do movimento sanitário na adoção de idéias e práticas de educação higiênica e, ao mesmo tempo, nas interpretações sobre a sociedade brasileira. Em outras palavras, julgamos relevante apresentar um estudo que relacione as imagens simbólicas da obra de Monteiro Lobato (1882-1948) às políticas públicas de saúde e educação. Em suma, este trabalho é um ensaio sobre este personagem. Nascido como um símbolo do trabalhador rural, em artigo escrito por Lobato ao jornal “O Estado de São Paulo” em 1914, Jeca tornou-se sinônimo de homem do campo. Sua presença em campanhas de educação higiênica, especialmente as direcionadas ao controle das endemias rurais, ajudou a popularizar os cuidados com a higiene individual e a saúde pública nas primeiras décadas do século XX.

Caricatura do camponês brasileiro, o Jeca é um dos mais conhecidos personagens de nossa cultura. De indolente à vítima da doença, sua trajetória está relacionada ao papel conferido às políticas públicas no desenvolvimento econômico e social do país. Trata-se de uma das mais fortes representações sociais da identidade brasileira, em que se articula o retrato pobre e doente da sociedade, especialmente dos trabalhadores rurais, personagens presentes na literatura brasileira, à regeneração e salvação do povo por meio da ação do Estado.

Este texto narra a construção do Jeca Tatu e é parte de uma biografia sobre Monteiro Lobato (1882-1948), tendo como cenário o pensamento social brasileiro. Uma análise das representações sociais e literárias sobre o país, destacando um aspecto pouco presente na literatura acadêmica, que examina a difusão dos textos, sem uma investigação rigorosa das condições históricas de produção do pensamento social e político. Portanto, sem articulação da identidade cultural com a criação dos tipos sociológicos, que em vários momentos, foram “retratos” desta identidade: Jeca Tatu, Macunaíma, Policarpo Quaresma e outros. Consideramos que a contribuição deste trabalho consiste em investigar a participação dos membros do movimento sanitaria¹ na adoção de idéias e práticas de educação higiênica e, ao mesmo tempo, nas interpretações sobre a sociedade brasileira. Em outras palavras, julgamos relevante construir um projeto que relacione as imagens simbólicas da obra lobatiana às políticas de saúde pública e de educação. Em suma, este texto é um ensaio sobre este pungente personagem das letras nacionais: o Jeca Tatu.² Nascido como um símbolo do trabalhador rural pobre e doente, em artigo escrito por Monteiro Lobato ao jornal “O Estado de São Paulo”, Jeca tornou-se sinônimo de homem do interior do Brasil. Inclusive, uma empresa de produtos farmacêuticos distribuía um remédio contendo um folheto com o nome de Jecatuzinho³. A presença deste símbolo em campanhas de educação higiênica, especialmente as direcionadas ao controle das endemias rurais,

¹Sobre movimento sanitaria, consultar CASTRO-SANTOS, Luiz Antonio(1985), "O pensamento sanitaria na Primeira República: uma ideologia da construção da nacionalidade", *Revista Dados*, Rio de Janeiro, Vol. 28.

²Consultar PASSIANI, Enio (2003). *Na Trilha do Jeca: Monteiro Lobato e a Formação do Campo Literário no Brasil*, Bauru (SP), EDUSC.

³Este produto, o Bio-tônico Fontoura era popular no interior do país e entre as crianças. É impossível calcular quantos exemplares do folheto Jecatuzinho foram distribuídos junto com este “remédio”. No meio da propaganda nacional diz-se que o Jeca Tatu foi a maior peça publicitária existente no país.

ajudou a popularizar os cuidados com a higiene individual e a saúde nas primeiras décadas do século XX.

Caricatura do camponês brasileiro, o Jeca é um dos mais conhecidos personagens de nossa cultura. De figura indolente à vítima da doença, sua trajetória está relacionada ao papel conferido às políticas de saúde pública e de educação no desenvolvimento econômico e social do país. Trata-se de uma das mais fortes representações sociais da identidade brasileira, em que se articula o retrato pobre e doente da sociedade, especialmente dos trabalhadores rurais, personagens presentes na literatura brasileira, à regeneração e salvação do “povo” por meio da ação do Estado. Lobato foi uma personalidade central do campo intelectual, sendo possível perceber em sua trajetória duas atividades, escritor e empresário editorial, que visavam um objetivo: a ampliação do número de leitores, através da renovação da linguagem literária, pela modificação na distribuição e comercialização, causando um impacto no incipiente mercado, ao produzir os livros com o farto uso de desenhos, figuras e cores.

Nosso objetivo não é apresentar um trabalho conclusivo acerca do racismo científico no Brasil. O que pretendemos é esclarecer alguns pontos que permanecem nebulosos. Acreditamos que desta maneira, estaremos empenhados em desvendar os meandros do pensamento social do país. Quase todos os pensadores do período, que podemos datar entre 1870 e 1930, pelo menos em algum momento de suas vidas, pensaram a miscigenação racial como um problema a ser solucionado. Em maior ou menor grau, para estes autores, a questão étnica era a grande questão nacional. Para alguns, a mistura racial era um obstáculo ao desenvolvimento econômico e social. Viam como prova da evolução do Brasil um suposto e crescente branqueamento⁴.

⁴Branqueamento. Idéia de que, com o passar do tempo e evolutivamente, teríamos uma igualdade racial pela suspensão gradual das raças. Assim, esta concepção resgatava a mestiçagem que degenerava as raças puras e impedia a superação da miséria. Aonde entrava a

Acreditamos que aos olhos destes homens, esta expressão não se referia apenas à cor da pele. Naquela conjuntura, com o país recém-saído do escravismo colonial e da abolição da escravidão, as idéias e as atitudes estavam, e ficariam por muito tempo, impregnadas por símbolos que marcaram as relações sociais escravistas.

Lobato, em 1918, publicou *O Problema Vital*, reunindo em livro uma série de 15 artigos veiculados pelo jornal *O Estado de S. Paulo*. Estes textos evidenciam uma mudança de perspectiva *do homem rural brasileiro*. Ao criar o Jeca tatu, um provável modelo do homem do campo, Lobato estava, ao menos, de acordo com o pensamento social dominante na passagem do século XIX para o século XX. Este pensamento adotava as teorias surgidas na Europa para pensar a identidade cultural brasileira. Para tais idéias científicas, o clima, a localização geográfica e a raça determinavam a evolução e a hierarquia das sociedades humanas.

Neste momento, Lobato denunciava uma determinada corrente de interpretação dos elementos nacionais, denominada por ele de "caboclisto", e atribuía ao Jeca, espécie degenerada em sua origem mestiça e adaptada ao ambiente natural, a responsabilidade por todos os problemas do universo rural. O Jeca era indolente, incapaz de participação na política e na produção fabril do mundo moderno. Não possuía qualquer noção de pátria ou de nação. Era, portanto, incapaz de evolução e progresso. Contudo, o enfoque mudaria. E o diagnóstico seria outro. Se o determinismo biológico representava um problema grave, uma herança genética, o saneamento poderia transformar cientificamente a realidade. Lobato, criador do Jeca, mostrava-se um entusiasta⁵ do discurso científico de sua época, especialmente no campo da microbiologia e da parasitologia. É por meio da ciência médica que Jeca, um

eugenia? Autorizada pela ciência e dignificada pelo progresso da nação, seria possível selecionar os cidadãos. Como? O Estado deveria adotar políticas higiênicas e eugênicas.

⁵Nos anos 30 e 40 do século XX, Lobato demonstraria sua crença na ideologia *fordista* do trabalho. Ver o livro de CAMPOS, André Luiz Vieira de.(1986); *A República do Picapau amarelo*, São Paulo, Martins Fontes.

personagem literário, adquiria sua cidadania.⁶ Sua primeira aparição data de 12/11/1914, num texto enviado por Lobato ao jornal *O Estado de S. Paulo* com o título de “Velha Praga”, no qual o escritor se insurgia contra as queimadas⁷ e descrevia o modo de vida dos agregados⁸ de sua propriedade.⁹

Neste texto, aparecem os nomes de Manoel Peroba, Chico Marimbondo e Jeca Tatu. Porém, segue-se um novo artigo, publicado no mesmo jornal, com o título de *Urupês*, onde Lobato dá um panorama mais completo do Jeca e do seu modo de vida, em oposição a uma literatura que exaltava romanticamente o camponês. Para Lobato, então fazendeiro no interior paulista, a explicação para a apatia, a indolência e a incapacidade do Jeca encontrava-se nas facilidades de sobrevivência proporcionadas pela mandioca, milho e cana, e concluía:

Pobre Jeca Tatu! Como és bonito no romance e feio na realidade! Da terra só quer a mandioca, o milho e a cana. A primeira, por ser um pão já amassado pela natureza. Basta arrancar uma raiz e deitá-la nas brasas. Não impõe colheita, nem exige celeiro. O vigor das raças humanas está na razão direta da hostilidade ambiente. No meio da natureza brasílica, tão rica de formas e cores, onde os ipês floridos derramam feitiços no ambiente e a inflorescência dos cedros, às primeiras chuvas de setembro, abre a dança dos tangarás; onde há abelhas de sol, esmeraldas vivas, cigarras, sabiás, luz, cor, perfume, vida dionisiaca em escachôo permanente, o caboclo é o sombrio urupê de pau podre a modorrar silencioso

⁶A Concepção de progresso de Lobato ligava-se ao espírito científico, ao emprego do microscópio e ao uso do remédio de laboratório, prescrito pelo doutor. O Jeca emergiria de sua miséria, por meio da ciência, do remédio científico, da casa higiênica e da botina, todos resultantes do moderno, do progresso e do espírito científico” RIBEIRO, Maria Alice Rosa.(1993) *História sem fim... Inventário da saúde pública*. São Paulo, Edusp, p.210.

⁷Prática arcaica de queimar a vegetação com o fim de preparar o terreno para plantar.

⁸Agregados eram trabalhadores que embora vivessem nas terras das fazendas não mantinham uma relação social de trabalho sólida ou formal. Viviam a margem da sociedade escravista e assim continuaram após a Abolição da Escravidão. Porém, isto que não quer dizer que não executavam funções importantes. Ver o livro de FRANCO, Maria Sylvia de Carvalho (1976); *Homens livres na Ordem Escravocrata*, São Paulo, Atica.

⁹Em 1914, Lobato administrava uma fazenda herdada de seu avô no Estado de São Paulo.

8 a 11 de outubro de 2007
Universidade Estadual do Maranhão
São Luís/MA

*no recesso das grotas. Só ele não fala, não canta, não ri, não ama. Só ele, no meio de tanta vida, não vive.*¹⁰

Em correspondência enviada ao seu amigo Godofredo Rangel em 20 de outubro de 1914, portanto, poucos dias antes da publicação do primeiro texto enviado ao Jornal, encontra-se mais uma descrição indignada de Lobato sobre o modo de vida do *urupê*¹¹ de pau podre. Apesar de um pouco longa, é muito esclarecedora:

*Atualmente estou em luta contra quatro piolhos desta ordem – ‘agregados’ aqui das terras. Persigo-os, quero ver se os estalo nas unhas. Meu grande incêndio de matas deste ano a eles devo. Estudo-os. Começo a acompanhar o piolho desde o estado de lêndea, no útero duma cabocla suja por fora e inçada de superstições por dentro (...) Contar a obra de pilhagem e depredação do caboclo. A caça nativa que ele destrói, as velhas árvores que ele derruba, as extensões de matas lindas que ele reduz a carvão. Havia uma gameleira colossal perto da choça, árvore centenária – uma pura catedral. Pois ele derrubou-a com três dias de machado – atorou-a e dela extraiu (...) uma gamelinha de dois palmos (...) Como aproveitou a gameleira, assim aproveita a terra. Queima toda uma face de morro para plantar um litro de milho (...) o piolho, afugentado, vai parasitar um chão virgem mais adiante. A nossa literatura é fabricada nas cidades por sujeitos que não penetram nos campos de medo dos carrapatos. E se por acaso um deles se atreve e faz uma ‘entrada’, a novidade do cenário embota-lhe a visão, e ele, por comodidade, entra a ver o velho caboclo romântico já cristalizado – e até caipirinhas cor de jambo (...) O meio de curar esses homens de letra é retificar-lhes a visão. Como? Dando a cada um, uma fazenda na serra para que a administrem. Se eu não houvesse virado fazendeiro e visto como é realmente a coisa, o mais certo era eu estar lá na cidade a perpetuar a visão erradíssima do nosso homem rural.*¹²

¹⁰Ibidem, p.290.

¹¹Urupê é uma espécie de fungo. Lobato associava este organismo vegetal ao Jeca.

¹²Lobato, *apud* LANDERS, Vasda Bonafini (1988); *De Jeca a Macunaíma. Monteiro Lobato e o Modernismo*, Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, P.43.

Alguns anos depois, Lobato lançaria uma publicação com o mesmo nome do segundo texto publicado no periódico paulista: O livro *Urupês*, reunindo contos editados, e incluindo os trabalhos “Velha Praga” e “Urupês”; páginas militantes contra o personagem indolente. Naquela conjuntura, no entanto, Lobato estava progressivamente participando do debate em torno da campanha pelo saneamento das áreas rurais. Ele tomara contato com os médicos Arthur Neiva, Belisário Penna¹³, Renato Kehl e outros participantes do movimento sanitarista. Assim, surgia um novo Jeca: O Jeca do livro *O Problema Vital*¹⁴. Este *Jeca* padecia dos mesmos males, no entanto, após entrar em contato com a ciência médica, curava-se das moléstias que o levavam a ser indolente; tornava-se trabalhador, enriquecia e transformava-se em exemplo para os vizinhos. Esta narrativa foi publicada com o título de “Jeca Tatu - A Ressurreição”, e ficaria conhecida como *jecatatusinho*, em milhões de exemplares através do *Almanaque de Produtos Farmacêuticos Fontoura*.

Mas, se a personagem mudava, o seu criador também mudaria. Marisa Lajolo afirmou que “Monteiro Lobato parece ter percorrido quase todas as posições ideológicas disponíveis para um intelectual do seu tempo”. A autora menciona aquele que seria uma continuidade do Jeca Tatu: O Zé Brasil — publicado nos anos 40. Este Jeca era compreendido não como preguiçoso nem

¹³Sobre a trajetória biográfica de Penna, consultar THIELEN, Eduardo e SANTOS, Ricardo Augusto dos (2002), 'Belisário Penna: notas fotobiográficas', *História, Ciências, Saúde — Manguinhos*, vol. 9, nº 2, p. 387-404.

¹⁴Problema Vital foi o título dado ao livro de Lobato. São os artigos publicados durante 1918. Documento de maior interesse para a investigação desta rede de intelectuais. Neste momento, Lobato era um interlocutor para os membros do movimento sanitarista. Ele mantinha correspondência com Artur Neiva, Belisário Penna e Renato Kehl. Este foi o autor do prefácio da obra. Que foi editado com o auxílio da Liga Pró-Saneamento e da Sociedade de Eugenia. Scliar manifesta uma surpresa ao constatar a participação dos eugenistas neste empreendimento. Pois, para ele, “... aos eugenistas, a solução para os problemas dos jecas tatus estava no aperfeiçoamento da raça (às vezes pela esterilização) e não no combate às endemias”. Julgamos que, nossa contribuição ao debate é demonstrar a articulação da educação higiênica, das ações de esterilização e de combate às doenças para a formação de uma nação e um povo educado, higiênico e forte. Mesmo o mais radical eugenista, como Kehl, favorável pelas técnicas de esterilização de incapazes e criminosos, era também defensor do saneamento e da educação higiênica. Ver SCLIAR, Moacyr (2003); *Saturno nos Trópicos. A melancolia européia chega ao Brasil*, São Paulo, Companhia das Letras.

como um mero doente, mas como um trabalhador explorado. O texto foi apreendido¹⁵ e recolhido. “*Coitado deste Jeca. Tal qual eu. Tudo o que ele tinha eu também tenho. A mesma opilação, a mesma maleita, a mesma miséria e até o mesmo cachorrinho*” A figura do *Jeca* aparecia mais uma vez. Neste momento, superando a intolerância patronal presente no primeiro (Velha Praga e Urupês) e a ótica paternalista do segundo (Jecatuzinho). Marisa Lajolo conclui:

*Se o itinerário é plausível, o autor de Urupês parece ter corrigido progressivamente os desvios de uma má consciência. Se suas primeiras baterias se assentam com intolerância patronal frente ao camponês, se esta intolerância é substituída pela solução paternalista para um problema de saúde pública, o texto final — o de zé-brasil — aponta para uma análise da infra-estrutura, isto é das condições de produção e das relações sociais por ela instauradas no Brasil de Lobato.*¹⁶

Como entendermos a mudança do primeiro para o segundo *Jeca*? Algumas respostas podem ser buscadas nestes artigos escritos por Lobato para o jornal “O Estado de São Paulo” durante o ano de 1918, que foram reunidos no volume *O Problema Vital*, por decisão da Sociedade de Eugenia de S. Paulo e da Liga Pró-Saneamento do Brasil, graças às relações que o autor mantinha com Renato Kehl (1889-1974) e Belisário Penna (1868-1939) — Kehl, inclusive foi o autor do prefácio do volume. THIELEN & SANTOS¹⁷ sugerem que o ponto de inflexão desta transformação foi o contato de Lobato com o diário de viagem de Arthur Neiva (1880-1943) e Penna. Em 1912, estes médicos chefiaram uma expedição científica patrocinada pela Inspetoria de Obras contra as Secas que percorreu regiões desconhecidas do Brasil. O diário desta viagem foi publicado

¹⁵O livro *Zé Brasil*, escrito por Lobato em 1947, trazia em sua narrativa a defesa dos pequenos agricultores, denunciando a estrutura agrária brasileira. O teor político do livro desagradou, o que implicou a apreensão e censura do livro.

¹⁶LAJOLO, Marisa (1983); “Jeca tatu em três Tempos”, SCHWARCZ, Robert; *Os pobres na literatura brasileira*, São Paulo, Brasiliense.

¹⁷THIELEN, Eduardo & SANTOS, Ricardo Augusto dos.(1989); Monteiro Lobato e a Fotografia Como Diagnóstico. In: *Cadernos da Casa de Oswaldo Cruz*. Rio de Janeiro, n. 1, Vol. 1.

no periódico científico *Memórias do Instituto Oswaldo Cruz*, em 1916, com fotografias obtidas durante a viagem registrando em detalhes a miséria em que viviam os homens do interior. No artigo "Início de Ação", também incluído em *O Problema Vital*, Lobato refere-se a essas imagens fotográficas ao falar de idéias capazes de mudar a realidade:

*A idéia do saneamento é uma. Bastou que a ciência experimental, após a série de instantâneos cruéis que o diário de viagem de Artur Neiva e Belisário Penna lhe pôs diante dos olhos, propalasse a opinião do microscópio, e esta fornecesse à parasitologia elementos para definitivas conclusões, bastou isso para que o problema brasileiro se visse, pela primeira vez, enfocado sob um feixe de luz rutilante. E instantaneamente vimo-la evoluir para o terreno da aplicação prática. E a idéia-força caminha avassaladoramente. Avassaladoramente e consoladora, porque o nosso dilema é este: ou doença ou incapacidade racial. É preferível optarmos pela doença.*¹⁸

Se em *Urupês e Velha Praga* (1914) Lobato atribuía preponderância às teses raciais e climáticas para a pobreza, chegando a culpar o trabalhador do campo por sua condição, nos artigos de 1918 refletia sobre a questão nacional do saneamento. É através de uma explicação científica que Lobato, preocupado com a reprodução da força de trabalho improdutiva, mudaria a sua concepção do caboclo brasileiro. A ineficiência do Jeca não era mais uma questão de inferioridade racial, mas sim um problema médico e sanitário. O Jeca Tatu é doente. Ele é pobre porque é doente e assim não produz. A epígrafe do livro *O Problema Vital* é elucidativa: "O Jeca não é assim, está assim". Esta mudança de concepção passava pela crença positiva de Lobato na ciência:

O nosso problema, verificado que foi o mau estado da população nativa, é simples e uno: sanear. Para sanear é forçoso, preliminarmente, convencermos o país da sua doença;

¹⁸LOBATO, Monteiro (1957); *O problema Vital. Obras completas de Monteiro Lobato*. São Paulo: Brasiliense, P. 297.

8 a 11 de outubro de 2007
Universidade Estadual do Maranhão
São Luís/MA

*e em seguida fazer dessa idéia o programa de todos os governos, a idéia fixa de todos os particulares. Tudo mais rola para plano secundário. Sanear é a grande questão. Não há problema nacional que não se entrose nesse.*¹⁹

Em outro artigo do mesmo livro, Lobato reafirmaria e consolidaria esta visão. Neste momento, para Lobato, o Jeca não era um homem decaído por força de uma preguiça ou indolência inata, mas um indivíduo doente e, por isto, incapaz de produzir. Clamando contra a existência de milhões de vítimas doentes, Lobato se compadeceu daqueles Jecas.

*A inteligência do amarelado atrofia-se, e a triste criatura vira um soturno urupê humano, incapaz de ação, incapaz de vontade, incapaz de progresso. Retrato do nosso caboclo quem o dá perfeito, com fidelidade fotográfica, é o médico ao desenhar o quadro clínico do ancilostomado. Tudo mais é mentira, retórica, verso. Esses heróicos sertanejos, fortes e generosos, evolução literária dos índios plutárquicos de Alencar; essa caipirinha arisca, faces cor de jambo, pés lépidos de veada, carne dura de pêssego; licenças poéticas de poetas jamais saídos das cidades grandes.*²⁰

Ao participar da campanha pelo saneamento do país, é provável que Lobato tenha progressivamente desenvolvido suas idéias a respeito de alguns temas, entre eles, a identidade nacional e a composição física, étnica e moral do povo brasileiro: Lobato estava inserido em seu tempo, produzindo e veiculando idéias que, naquele momento, eram expressões de um "racismo à brasileira", reproduzindo uma hierarquia social. O correto é que Lobato realizou um *mea culpa* em sua opinião sobre o indolente e apático Jeca Tatu. No texto "Uma Explicação Desnecessária", publicada na quarta edição do livro *Urupês*, em 1919, Lobato assumia uma cristalina revisão ao pedir perdão ao pobre e doente homem.

¹⁹LOBATO, Monteiro (1957); O problema Vital. *Obras completas de Monteiro Lobato*, São Paulo, Brasiliense, p. 272.

²⁰Ibidem, p.234.

*Cumpre-me, todavia, implorar perdão ao pobre Jeca. Eu ignorava que era assim, meu caro Tatu, por motivo de doenças tremendas. Estás provado que tem no sangue e nas tripas um jardim zoológico da pior espécie. É essa bicharia cruel que te faz papudo, feio, molenga, inerte. Tens culpa disso? Claro que não. Assim, é com piedade infinita que te encara hoje o ignorantão que outrora só via em ti mamparra e ruindade. Perdoa-me, pois, pobre opilado...*²¹

Como declaramos anteriormente, Lobato publicou *O Problema Vital*, reunindo os artigos veiculados pela imprensa. Estes textos demonstram uma mudança de diagnóstico dos males da sociedade. A primeira aparição do Jeca, símbolo do caipira, data de 1914, onde Lobato, revoltando-se contra o triste espetáculo das queimadas, afirmava ser o caboclo um parasita da natureza. Nesta oportunidade, Lobato estava influenciado pelo pensamento social hegemônico daquela conjuntura, dominado pelas teorias científicas de origens européias. No entanto, queremos ressaltar que por mais inconsistentes que fossem e até mesmo existissem contradições no seio deste conjunto de idéias, elas apresentavam uma relação com a sociedade brasileira. Consideramos que a assimilação das idéias científicas constitui um processo original provocando o caráter flexível do cientificismo no Brasil.²²

Em vez de absorção passiva ou mera repetição, o que implicaria negar ao Brasil chances de futuro, ocorreu um

²¹Lobato, apud LEITE, Sylvia Helena T. de Almeida (1986); *Chapéus de palha, panamás, plumas, cartolas: a caricatura na literatura paulista 1900-1920*, São Paulo, Unesp. P. 82.

²²Uma questão um pouco esquecida, mas que gerou polêmicas nas ciências sociais diz respeito à importação de "idéias estrangeiras" no Brasil. Esta discussão geralmente partia da suposição de que o Brasil importava "idéias fora de lugar". Assim, por exemplo, explicava-se a presença de idéias liberais na sociedade escravista do século XIX como inadequada. Uma cópia. Não concordamos com esta afirmação. Ao longo do meu trabalho, tento demonstrar que as idéias eugenistas no Brasil constituíram um pensamento social e político original. Certamente os intelectuais nacionais estavam lendo e discutindo com as obras e autores da Europa e demais países que, naquele momento, viviam a certeza de que a eugenia era o progresso. Mas, a apropriação era orgânica à sociedade. Não era, como se pode supor, efeito de uma leitura errônea, equivocada ou imprópria.

*esforço de apropriação, um trabalho de interpretação, reelaboração e mesmo de luta com princípios que nos eram francamente desfavoráveis.*²³

As doutrinas do *darwinismo social*²⁴ tiveram no Brasil, de forma bastante ampla, uma aplicação relacionada ao contexto sócio-histórico, dando-lhes novos significados. Assim, o cientificismo ordenava as diferenças e explicava a inferioridade inata das populações mestiça e negra. A preocupação dos cientistas, e demais intelectuais, era com a questão racial. Por que? Segundo o conjunto de idéias científicas dominantes no Brasil e na Europa, a intensa miscigenação conduzia para uma degeneração étnica e moral que inviabilizaria uma “caminhada para o topo da civilização”. Desta maneira, a mestiçagem representava um obstáculo para a construção da nação e o desenvolvimento do país. Estas leituras da questão racial colocavam algumas perguntas para os intelectuais nacionais. Como construir uma verdadeira nacionalidade, se as “teorias” adotadas indicavam uma improvável nação moderna?

Como os intelectuais resolveram estas questões? Este impasse? Adotando perspectivas que modificaram os modelos deterministas do “racismo científico”, que condenavam o futuro da nação brasileira, sob o argumento do país possuir uma *mistura racial* biologicamente incapaz: negro, branco e índio. A partir daí, um conjunto de discursos apontariam o abandono da saúde e da educação como o fator principal da decadência do país e degenerescência dos homens. Haveria uma chance para o impasse, para a tragédia²⁵ nacional, pois

²³LUCA, Tania Regina de (1999); *A Revista do Brasil: um diagnóstico para a (N)ação*, São Paulo, UNESP, p.157.

²⁴Sobre a aplicação das idéias de Darwin nas sociedades humanas e, especialmente, sua difusão no Brasil consultar REIS, José Roberto Franco (1994); *Higiene Mental e eugenia: o projeto de regeneração nacional da Liga Brasileira de Higiene Mental (1920-40)*. Dissertação de Mestrado. Campinas/Unicamp.

²⁵ Afinal, porque somos pobres e doentes, se o país é (potencialmente) rico?

solucionados tais problemas estaríamos a um passo de consolidarmos um projeto de nação moderna e industrial.

Lobato e seu Jeca regenerado pela ciência são os sinais emblemáticos desta mudança de concepção. Influenciado pelo contato com os membros do movimento sanitarista e pela leitura do relatório da expedição científica de Penna e Neiva, Lobato transformou seu personagem. Este, depois de tratado pelo médico, tornar-se-ia trabalhador produtivo e saudável. Deste modo, para afastar qualquer risco de incerteza no processo de "branqueamento" da nação, foi necessário que os intelectuais se apropriassem do conhecimento científico em voga no campo das idéias, que era a eugenia. A adoção das regras e conceitos da educação eugênica e higiênica assumiria uma posição confortável na ciência para o desejado branqueamento dos corpos e mentes.

Seduzidos pela idéia de um conhecimento científico que anunciava medidas concretas para resolver o problema apontado como grave da mestiçagem racial no Brasil - obstáculo para a construção da nação - os intelectuais brasileiros, sobretudo os médicos, aderiram à causa eugênica. Desta forma, para o pensamento social influenciado pela eugenia, caberia aos cientistas transformar o processo de seleção dos que devem sobreviver, que funcionava naturalmente, em um instrumento racional e social de construção de uma raça brasileira saudável e de uma nação restaurada fisicamente e mentalmente. Como definiu Renato Kehl²⁶, citando Galton a quem chamava de

²⁶Renato Ferraz Kehl nasceu em Limeira, no Estado de São Paulo, a 22 de agosto de 1889, filho de Joaquim Maynert Kehl e Rita de Cássia Ferraz Kehl. Formou-se aos vinte anos em Farmácia e, posteriormente, em 1915, doutorou-se em medicina. Exerceu a clínica durante alguns anos. No entanto, logo viria a se interessar pelos princípios da eugenia, fundando em 1918 a Sociedade Eugênica de São Paulo com 140 médicos. Lutando pela implantação das idéias eugênicas, Kehl realizou conferências no Brasil e em vários países, publicando inúmeros artigos em jornais. Durante alguns anos exerceu o cargo de inspetor sanitário rural do Departamento Nacional de Saúde Pública, no qual organizou o Serviço de Educação Sanitária, tendo sido também o criador do Museu de Higiene, apresentado por esse serviço nas Comemorações do Centenário (1922). Neste Museu realizou-se uma exposição da campanha educativa e sanitária que deveria ser instalada no país. Foram expostos objetos e fotos que mostravam as habitações

“pai da eugenia”: *O que a natureza realiza às cegas e impiedosamente, deve o homem fazer precavida, rápida e suavemente*²⁷.

De raça e clima, o problema que inviabilizava a construção da nação e de sua verdadeira identidade deslocou-se para a doença que passou a ser considerada a origem dos males. O Jeca permanecia incapaz, porém *estava* assim porque era uma vítima das doenças tropicais. No futuro, a ciência o absolveria da sua incapacidade étnica. A educação o capacitaria para a vida e para o trabalho. A parasitologia, a bacteriologia e a microbiologia libertariam seu corpo dos agentes patogênicos. A higiene o protegeria dos males.

*A nossa gente rural possui ótimas qualidades de resistência e adaptação. É boa por índole, meiga e dócil. O pobre caipira é positivamente um homem como o italiano, o português, o espanhol. Mas é um homem em estado latente. Possui dentro de si grande riqueza de forças. Mas força em estado de possibilidade. E é assim porque está amarrado pela ignorância e falta de assistência às terríveis endemias que lhe depauperam o sangue, catequizam o corpo e atrofiam o espírito. O caipira não 'é' assim. 'Está' assim. Curado, recuperará o lugar a que faz jus no concerto etnológico.*²⁸

O movimento pela reforma das políticas de saúde e educação exerceu um papel crucial na construção da identidade cultural. A idéia de redenção nacional legitimaria a função do Estado no campo das políticas sociais. Para alguns pensadores, após a identificação da inferioridade cultural, racial e moral realizada pelo pensamento cientificista haveria somente uma resposta: a

típicas das áreas rurais, infestadas de insetos transmissores de doenças. No Departamento de Saneamento e Profilaxia Rural do DNSP trabalhou durante três anos (1919-1922) como inspetor sanitário rural, passando depois para o Serviço de Educação e Propaganda Sanitária (1923-1924). Tendo se exonerado do cargo, ingressou na firma de produtos Bayer, a princípio como farmacêutico e depois como diretor. Entre os seus principais livros destacam-se: *Eugenia e Medicina Social, O Médico do Lar, A Cura da Fealdade, Lições de Eugenia, Bíblia da Saúde e Pais, Médicos e Mestres*. Renato Kehl faleceu em 1974.

²⁷Galton *apud* Kehl, in Boletim de Eugenia, Ano III, n, 30, junho de 1931. Fundo Pessoal Renato Kehl, DAD-COC. Fiocruz.

²⁸LOBATO, Monteiro (1957); O problema vital. *Obras completas de Monteiro Lobato*, São Paulo, Brasiliense, p.285.

educação. O ensino de novas maneiras de viver e pensar orientadas pela educação higiênica e eugênica. Tarefas que seriam gerenciadas pelo Estado e conduzidas por cientistas e técnicos aptos.

No Brasil, nas décadas iniciais do século passado, a eugenia possuía uma concepção bastante abrangente. Uma definição corrente seria a de um aperfeiçoamento genético para a eliminação de traços defeituosos físicos e morais. No entanto, Belisário Penna, Renato Kehl, Monteiro Lobato e outros atribuíam uma linha bastante flexível entre higiene, eugenia e educação.²⁹ Em artigo publicado na *Revista do Brasil*, Renato Kehl declararia: "instruir é eugenizar, sanear é eugenizar"; e ainda nas páginas dessa revista podemos acompanhar a lógica do "racismo à brasileira" ou como as idéias eugênicas no Brasil assumiam a hierarquia social. Renato Kehl expôs³⁰ em determinado momento seu conceito de eugenia, como sendo:

... a ciência da boa geração. Ela não visa, como parecerá a muitos, unicamente proteger a humanidade do cogumelar de gentes feias. Seus objetivos não se restringem à calipedia, isto é ter filhos bonitos. A beleza é um ideal eugênico. Mas a ciência de Galton não tem horizontes limitados; ao contrário,

²⁹Consultar "Eugenia, Eugenismo e Educação" (1941), do próprio R. Kehl. Fundo Pessoal Renato Kehl, DAD-COC-Fiocruz. Sobre Renato Kehl ver de CASTEÑEDA, Luzia Aurélia (1998); "Apontamentos Historiográficos sobre a fundamentação biológica da Eugenia", *Episteme*, Porto Alegre, v.3, n.5, 1998, p.23.

³⁰É voz corrente que a trajetória do médico eugenista Renato Kehl (1889-1974) teria tido uma inflexão no final dos anos 20. Com o correr dos anos, teria havido uma crescente radicalização em torno da proposta eugênica negativa. Na década de 30, Kehl expunha um conceito menos amplo de eugenia. Para justificar esta atitude, ele dizia que nos primeiros tempos, era necessário convencer, de uma maneira geral, as pessoas sobre as vantagens da eugenia. Daí a necessidade de afirmações generalizantes. Em que se incluísem propostas de reformas na Educação e ações públicas no Saneamento. Também declarava a existência de conceitos diferentes, a Eugenia e o Eugenismo. O segundo conceito, contemplando as ações educativas e saneadoras. Acreditamos que a coexistência das distintas práticas eugênicas - preventiva, negativa e positiva - explica a singularidade do pensamento social e político brasileiro. Sobre Kehl ver SANTOS, Ricardo Augusto dos (2006); "Estado e Eugenismo no Brasil", MENDONÇA, Sonia Regina de, *Estado e Historiografia no Brasil*, Niterói, EdUFF, p.311.

seus intuitos além de complexos são de uma maior elevação...
31

Em vários livros, correspondências e manuscritos de Belisário Penna, Renato Kehl e Monteiro Lobato, podem ser encontradas passagens de variados tons da teoria eugênica. Os novos conhecimentos higiênicos e eugênicos ofereciam uma saída para a tragédia nacional. Estávamos realmente condenados pela herança genética e climática a uma imutável inferioridade social e racial? Os registros sobre a saúde e condições sócio-sanitárias do povo brasileiro, retratadas e reveladas ao público, ofereciam novos e reveladores argumentos. Os tipos humanos, produtos da miscigenação racial, eram indolentes, preguiçosos e improdutivos porque estavam doentes. Regenerar e curar o Brasil seria construir uma nação. Saneá-lo, higienizá-lo e eugenizá-lo.

*Temos literatura; ciência quase nenhuma. O esforço disciplinado que a ciência pede não condiz com o nosso temperamento de povo tropical, tão mais amigo da rua que dos interiores. A rua é literária e a ciência só germina no recesso silencioso dos gabinetes e laboratórios – instituições nitidamente peculiares aos climas frios. Como pode medrar a meditação, o estudo longo, numa terra em que o calor constantemente nos toca para a rua – para o ar livre? Falta na obra de R. Kehl uma página sobre a função do frio no desenvolvimento da ciência e da atitude científica...*³²

Tânia Regina Luca ajuda-nos a esclarecer as relações entre as diversas interpretações. De uma investigação racial dos problemas para uma sanitarista, o camponês, habitante do interior do país, tido como ser inferior e inadaptável para a civilização havia passado à condição de vítima, doente, sem saúde e educação. Mas, as ciências emergentes não modificaram a visão hegemônica sobre a incapacidade nacional para o mundo moderno? No

³¹ Kehl apud LUCA, Tania Regina de (1999); A Revista do Brasil: um diagnóstico para a (N)ação, São Paulo, UNESP, p.224.

³²LOBATO, Monteiro (1957); *Prefácios e entrevistas. Obras completas de Monteiro Lobato*. São Paulo: Brasiliense, 1957, p.81.

entanto, segundo esta autora, o elo de ligação entre as diversas explicações era um ideal de sociedade dominada por um conjunto eclético de idéias.

*... a uni-los estava a crença, de fundo neolamarquista, na transmissão dos caracteres adquiridos, que permitia encarar qualquer melhoria nas condições higiênico-sanitárias da população, nos hábitos alimentares, como um avanço em termos de aperfeiçoamento genético*³³

Creio que a origem das ambigüidades, além da existência conjunta de fórmulas sanitaristas, educativas e esterilizadoras, está na solução adotada pelo pensamento social hegemônico: o branqueamento da nação. Para esta idéia, a miscigenação étnica não produzia necessariamente ou inevitavelmente seres híbridos totalmente degenerados. Os produtos da mistura de “raças” constituíam uma população mestiça (sadia ou doente), mas capaz de tornar-se sempre mais capaz, tanto cultural quanto organicamente. Se os mestiços não nascessem muito degradados, ações educacionais e sanitárias nos indivíduos, nas cidades e no campo ajudariam a salvá-los. Para evitar o nascimento de indivíduos indesejáveis, adoção de técnicas da eugenia negativa. E, para que não houvesse contratempos nesse processo: esterilização e noções precisas de eugenia e higiene para evitar uniões disgênicas.³⁴

Ao analisarmos o pensamento social na obra de Renato Kehl, queremos demonstrar que, ao lado das propostas de transformação da sociedade por meio de estratégias educacionais, deveriam ocorrer outras ações. Estamos

³³ LUCA, Tania Regina de (1999); *A Revista do Brasil: um diagnóstico para a (N)ação*, São Paulo, UNESP, p.230.

³⁴No final dos anos 20, recebendo críticas daqueles que viam com bons olhos a miscigenação racial (Branqueamento), Kehl realizava malabarismos verbais para elucidar a verdadeira face da eugenia nacional. Neste trecho de “Eugenia e Eugenismo”, publicado no Boletim de Eugenia de agosto de 1929, ele declarava: “Tem-se registrado grande confusão em torno da Eugenia que para muitas pessoas, mesmo cultas, é considerada uma doutrina sem fronteiras, envolvendo tudo quanto se refere ao melhoramento do gênero humano. Nós mesmos, no início da campanha de propaganda em prol dessa ciência, não fomos muito claros na delimitação das suas bases e de seus propósitos”.

falando, por exemplo, de exame pré-nupcial e esterilização. Durante as décadas de 20 e 30, as idéias de formação de uma nova ordem social tiveram uma sofisticada articulação de tendências. Educação higiênica e esterilização eram as marcas mais visíveis destas formulações. Ainda que correndo o risco da fácil simplificação, poderíamos definir que os arautos do novo homem brasileiro desejavam normas de educação para melhorar as faces do povo doente, feio e pobre e de regras biológicas para garantir a produção de um estoque potencialmente capaz de formar uma raça nacional ideal.

A esterilização dá resultados na redução dos degenerados; estes resultados, porém, não são imediatos e só se farão sentir após muitos anos de uma execução perfeita e permanente (...) a esterilização é um auxiliar poderoso da redução dos degenerados, mas isoladamente não resolve o problema da eugeniação da espécie(...) Em suma, para a melhora física, moral e intelectual dos nossos semelhantes, é necessário lançar mão da esterilização, sem prescindir, porém, da pratica dos demais preceitos ditados pela eugenia positiva, preventiva e negativa.³⁵

Para entender os conceitos presentes na obra de Kehl será necessário compreender o percurso realizado pelo autor. Ele se apoiava nos saberes das ciências biomédicas emergentes para responder como foi construída a nacionalidade brasileira. Ao lançar as representações sobre o país, Kehl tentava explicar a sociedade em que vivia. De maneira ampla, os intelectuais nacionais destacavam a inferioridade e a degeneração dos mestiços. Os cruzamentos promíscuos eram os produtores de indivíduos incapazes para o progresso da nação. O pessimismo em relação ao perfil racial brasileiro poderia ser superado se as idéias e práticas do eugenismo fossem adotadas. Recebida como uma arma capaz de promover uma nova ordem social pela melhoria da raça, a eugenia encontrou em Renato Kehl, um de seus mais importantes divulgadores.

³⁵ "A Esterilização sob o Ponto de Vista Eugênico", de Renato Kehl, publicado no periódico médico *Brazil-Médico em* 26/03/1921.

Os objetivos de eugenistas e sanitaristas dividiam-se em eugenia preventiva (controle dos fatores disgênicos pelo saneamento), em eugenia positiva (incentivo e regulação da procriação dos capazes) e na eugenia negativa (evitar o nascimento dos considerados incapazes). O grande objetivo era modernizar o país e apagar os símbolos da degeneração racial. Dos sanitaristas, que negavam as teses da indolência inata tropical, vinha o remédio para um futuro promissor: a educação higiênica e as ações públicas sanitárias.

As condições ambientais dever-se-iam modificar-se para que, transformando os indivíduos, os seus descendentes fossem beneficiados. Por outro lado, eugenistas e sanitaristas entendiam que as reformas sanitárias aprimorariam a capacidade hereditária. Práticas associadas com a eugenia exemplificam esta filiação neolamarckista: campanhas contra o alcoolismo e as doenças venéreas. Assim, coexistiam teorias que adotavam uma seleção racial capaz de embranquecer a população, produzindo um tipo nacional pelas sucessivas miscigenações, com teses de que o futuro eugênico seria resultado também de aperfeiçoamento no desenvolvimento social. Consideramos que esta amplitude de técnicas eugênicas não se tratava de má interpretação de uma teoria original e sim uma construção de um pensamento original brasileiro.

Em nossa análise, o que distinguia os pensadores que se propunham a pensar as questões de raça e identidade nacional era uma pequena diferença. Alguns fundamentavam a sua aversão pela sociedade fortemente miscigenada numa "ideologia do branqueamento". Outros identificavam valores positivos no negro e nos elementos mestiços. Mas quase todos os exemplos do pensamento social brasileiro desejavam e pensavam numa maneira de "branquear" a cor, a raça, as atitudes e os comportamentos. Para Kehl, este objetivo teria êxito, a partir de três estratégias. Promovendo condições favoráveis à procriação eugênica através da educação higiênica; evitando a reprodução dos degenerados e criminosos, porque estes poderiam transmitir os defeitos morais, físicos e mentais aos descendentes, e que o Estado adotasse medidas

profiláticas para o combate das enfermidades que fortaleciam os fatores disgênicos (degenerativos) de uma saudável sociedade: a sífilis, a tuberculose e o alcoolismo.

Nina Rodrigues, Euclides da Cunha, Belisário Penna, Monteiro Lobato, Silvio Romero, Renato Khel e outros, quase todos, em maior ou menor grau, pelo menos em algum momento de suas vidas pensaram a miscigenação racial como sinônimo de degeneração étnica, moral e física. Certamente, influenciados pelo conjunto de materiais ideológicos vindos da Europa, como o Positivismo de Comte, o Evolucionismo de Spencer, o Naturalismo de Taine e Buckler, a Etnologia de Gobineau, além das idéias de Darwin. Mas, alguns modificaram suas visões sobre o país e sua gente. Aliás, esta é uma marca inegável dos autores que “redescobriram o Brasil”. Euclides da Cunha, Roquete Pinto, B. Penna, M. Bomfim e outros construíram, abandonaram ou simplesmente modificaram suas interpretações sobre o país depois que por algum período abandonavam o “cosmopolitismo” das cidades e embrenharam-se pelos “sertões”.³⁶

O processo chamado de redescoberta havia sido para os políticos e intelectuais um retrato do país. A existência de dois “Brasis” - o rural e o urbano-foi considerado um obstáculo à realização da verdadeira identidade. Mas havia uma esperança. O Brasil, sob a lente do microscópio e da máquina fotográfica, transformara-se num laboratório onde se podia alcançar a verdadeira nacionalidade. A análise do país pela ciência apresentava uma saída para o dilema brasileiro, pois, além de diagnosticar os problemas, indicava o remédio necessário. Era possível acabar com a indolência. Mas, seria necessário remover problemas. Indagados sobre a necessidade de construção de um poço de água limpa, os médicos presentes na viagem obtiveram uma resposta dos habitantes dos sertões que indicava a eterna apatia do homem rural:

³⁶Sertão podia significar qualquer local um pouco distante dos centros urbanos.

8 a 11 de outubro de 2007
Universidade Estadual do Maranhão
São Luís/MA

*A água é detestável, salobra, extraída de poços (...) porque não se faz um poço, revestido de pedra, e coberto, colhendo-se a água por meio duma bomba? Não vale a pena, é a resposta. O povo já está acostumado com isso, que não faz mal algum. Não há esgotos, nem se usam fossas para as fezes. Cada qual se exonera ao ar livre e a depuração é feita pelo sol...*³⁷

O movimento político pelo saneamento das áreas rurais concentrava suas atenções na rejeição do determinismo biológico e climático (influência negativa de clima, raça e geografia) e na melhoria das condições de vida e, no caso, voltando-se para a erradicação das graves endemias que assolavam os sertões³⁸ No relatório da expedição Penna-Neiva, as deficiências do homem do campo foram atribuídas à ausência de saneamento que o protegesse das doenças tropicais.

Para alguns intelectuais, a constituição racial do país era um obstáculo à construção da nacionalidade. Sob este ponto de vista, o povo deveria ser transformado. Era intensa a influência dos teóricos do racismo científico como Gobineau, Agassiz e Le Bon³⁹. Os membros do movimento sanitarista criticavam as teses do determinismo biológico e racial, baseando-se em seus conhecimentos do Brasil adquirido nas viagens científicas efetivamente realizadas, em contraste com as diferentes idealizações do país. Como outros autores também observaram, a imagem negativa do Jeca Tatu foi reformulada após o contato de Lobato com os membros do movimento pela criação da consciência sanitária nacional, como Belisário Penna, Arthur Neiva e Renato Khel. Contrários ao ufanismo e ao determinismo, estes homens qualificavam suas idéias e propostas como científicas — e assim pensavam justificar suas

³⁷PENNA, B. & NEIVA, A(1961); "Expedições pelo Norte da Bahia, Sudeste de Pernambuco, Sul do Piauí e do Norte ao Sul de Goiás. *Memórias do Instituto Oswaldo Cruz*, Rio de Janeiro, Instituto Oswaldo Cruz, p.191.

³⁸Depois seriam eleitas três endemias como as principais que atacavam o "povo brasileiro": A Malária, a Ancilostomíase e a Doença de Chagas.

³⁹CARVALHO, José Murilo de(1999); *Pontos e Bordados – escritos de história e política*, Belo Horizonte, Editora UFMG.

interpretações dos problemas nacionais, pois estavam autorizados pela racionalidade científica.

Em extenso Relatório que há mais de um ano apresentamos, o jovem cientista Dr. Arthur e eu, ao eminente Dr. Oswaldo Cruz, de uma excursão de sete meses, com um percurso a cavalo de mais de 4.000 quilômetros, através dos sertões da Bahia, Pernambuco, Piauí e Goiás, vem descrita e documentada a trágica epopéia da vida sertaneja..⁴⁰

Após a publicação do relatório em 1916 e como desenvolvimento da campanha pelo "Saneamento do Brasil", Belisário Penna escreveu no jornal *Correio da Manhã* uma série de artigos que, em 1918, também foram publicados em livro. Ele tornou-se um crítico das idéias ufanistas que exacerbavam as supostas qualidades positivas do país, opondo-se à visão do Brasil que ele conhecera. Ao considerar o relatório da missão científica como o documento que comprovava a verdadeira identidade, pensava, assim, corroborar a frase de Miguel Pereira sobre o Brasil: "... o Brasil é ainda um imenso hospital". O país que Penna documentara era um grande hospital, mas um hospital de pobres e doentes.

Não esmoreça o eminente professor na patriótica campanha iniciada e conte com a colaboração de todos aqueles que não se deixam mais iludir pelas fantasias e devaneios mentirosos de romancistas e poetas, descrevendo os nossos sertões como pedaços de terra da promessa, onde reinam a fartura, a saúde e a alegria, quando ao contrário são eles em geral, a sede da miséria, da doença, da tristeza e do aniquilamento físico e moral do homem....⁴¹

O determinismo biológico e o racismo científico que fundamentavam as teorias raciais, condenavam a miscigenação considerando que a incapacidade social dos brasileiros explicava-se por fatores hereditários de

⁴⁰PENNA, Belisário (1918) *Saneamento do Brasil*, Rio de Janeiro, Editora dos Tribunais, p.8.

⁴¹Ibidem, p. 8.

natureza biológica ou pela influência do clima e/ou da geografia. No entanto, Penna definiria o caboclo como incapaz e inferior, porém ele era “vítima indefesa da doença, da ignorância, da deficiência ou vício de alimentação”. Se educado, alimentado e curado das doenças, a produção de seu trabalho seria como a de qualquer trabalhador europeu. Para Penna, era um equívoco atribuir uma exclusividade negativa às razões da degenerescência racial. E sempre enaltecendo a observação empírica, verdade irrefutável porque documentada:

*... foi depois da verificação pessoal, demorada e conscienciosa dessas calamidades universais no nosso território, que no meu espírito, sucumbido ao peso desse cataclisma nacional, arraigou-se a convicção, a certeza de que é à miséria e à doença, múltipla, generalizada e incontida, mais do que à ignorância, que devemos todos os defeitos que se nos apontam, de indolência, de desânimo, de indiferença e de fatalismo...*⁴²

Pensadores como Monteiro Lobato, Manoel Bomfim, Belisário Penna, Renato Kehl e outros que interpretaram o país encontram-se um pouco esquecidos. Geralmente, eles não são reconhecidos como relevantes autores do pensamento brasileiro, embora muitos tivessem sido divulgadores dos símbolos sociais que ainda hoje estão presentes no imaginário social. Este é o caso dos intelectuais, que participaram da campanha pelo saneamento do Brasil e implantação de uma educação higiênica nos lares e escolas. No âmbito deste texto, não esgotamos as inúmeras possibilidades de pesquisa que esse tema possui. Vários projetos, artigos e dissertações serão necessários para se compreender a contribuição das idéias de Lobato, Penna e Kehl.

⁴²Ibidem, p 31.